

Jornal da FAED

Informativo do Centro de Ciências da Educação da UDESC - ano II - nº 10 - março de 1996

EDITORIAL

A "bosnianização" da avaliação

A UDESC está implementando dois processos que visam avaliar a sua estrutura universitária. Um desencadeado pelo Projeto Pedagógico e outro pelo "Programa de modernização da UDESC". Estas iniciativas têm objetivos, métodos e variáveis diferentes.

O Projeto Pedagógico, iniciado em 1992, é coordenado pela Pró-Reitoria de Ensino e propôs a reformulação curricular, tendo como pano de fundo a realização das sondagens dos ambientes externo e interno da Universidade. Recentemente, inspirado na proposta de avaliação das universidades brasileiras do PAIUB/MEC, aperfeiçoou a sua metodologia, definindo as etapas do diagnóstico (preparação, auto-avaliação, hetero-avaliação, reavaliação e realimentação) e os indicadores globais (corpo discente, corpo docente e infra-estrutura, gestão administrativa e currículo). Assim, tem um perfil acadêmico e está proporcionando subsídios para alavancar mudanças eficazes.

O "Programa de modernização", que recebe a consultoria da MCG Qualidade, procura implantar a Qualidade Total na UDESC. O projeto fixa-se precipuamente na gestão administrativa, procurando constatar a missão, a visão de futuro, os concorrentes e os fornecedores udesquianos e medir o grau de satisfação dos clientes internos e externos. Até o momento, preteriu o que chama de "macroprocessos", ou seja, o ensino, a pesquisa e a extensão, os fins da vida universitária. Desta forma, tem uma cultura empresarial, inspirada nos ares do neoliberalismo.

O busilis da questão é a duplicação e, o que é pior, a não articulação destes processos de avaliação. Trata-se de dois métodos que buscam dados e fins diversos e com recursos diferenciados. Um dos sintomas desta fragmentação avaliativa é a existência de dois jornais, um para cada programa. A impressão que fica é a de que falta de fato uma ação administrativa sinérgica que articule estas iniciativas quase isoladas.

Entretanto, se for assumida por todos os setores da UDESC, a proposta de avaliação do Projeto Pedagógico fornecerá elementos suficientes para a reflexão e a transformação da nossa vida universitária. E quanto à questão administrativa, quiçá necessite menos discursos e mais ações efetivas e de qualidade.

Prof. Norberto Dallabrida

Tiragem desta edição: 1000 exemplares

Alzemi Machado



Prédio da DAPE, onde funciona o Mestrado em Educação e Cultura

MESTRADO EM EDUCAÇÃO E CULTURA É REALIDADE

No dia 4 de março iniciam-se as aulas do mestrado. Leia na pág. 3 entrevista com a Dr^a Terezinha Gascho Volpato, coordenadora do curso.

Ainda nesta edição:

MEC RECONHECE CURSO DE HISTÓRIA

(pág. 2)

Prof. Stélio discute *Os (d)efeitos do real*

(pág. 4)

JF duplica número de páginas e muda visual

A partir desta edição, o JF circulará com 8 páginas, publicando uma entrevista, dois ensaios, diversas reportagens, variadas colunas e uma página especial para cinema e literatura. Apresenta uma concepção gráfica moderna e ousada.

A DIREÇÃO INFORMA

⇒ O MEC reconheceu o Curso de História da FAED/UDESC, conforme Portaria nº 79, de 29/01/96, publicada no Diário Oficial da União em 30/01/96. Parabéns!

⇒ VIII ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino - 07 a 10 de maio de 1996 na Universidade Federal de Santa Catarina. Promoção conjunta: CED/UFSC e FAED/UDESC.

⇒ Bolsas de Trabalho na FAED: inscrições de 04 a 06 de março de 1996, conforme editais afixados no Mural da FAED.

⇒ O Curso de Pedagogia, habilitação Séries Iniciais - Modalidade Ensino à Distância, está tramitando nas instâncias superiores da UDESC e será enviado ao Conselho Estadual de Educação para autorização de funcionamento.

⇒ Dia 09/02/96 foi realizado na FAED, com sucesso, o "descarte" (1ª fase do método 5S).

⇒ O GSPP conclui o relatório "A Sondagem do Ambiente Externo da FAED", que foi enviado aos colegiados de Curso para reunir subsídio para a reestruturação curricular.

⇒ O serviço de fotocópias com recursos da FAED encontra-se prejudicado porque a licitação solicitada à Pró-Reitoria de Administração (PROAD) em outubro de 1995 não foi viabilizada até o presente momento. Lamentamos e esperamos a compreensão da comunidade faediana por mais esse transtorno que nos atinge.

⇒ Os pedidos de dispensa de Prática Desportiva deverão ser efetuados junto a Coordenação de Educação Física Curricular, CEFID, Rua Paschoal Simone 358, Coqueiros, de acordo com a seguinte programação:

- Escolha de Turma - 26/02 a 08/03/96
- Pedido de dispensa e validação (para os que ingressaram antes de 1993): 26/02 a 08/03/96

⇒ Veteranos:

- Dia 15: último dia para solicitação de dispensa de disciplina
- Dia 19: último dia para cancelamento de disciplina e trancamento de matrícula.

⇒ Horário de atendimento (Coordenadoria do CEFID)

- 2ª, 3ª, 5ª e 6ª feiras: das 08 às 11 e das 17 às 21 horas
- 4ª feira: das 08 às 11 e das 14 às 17 horas

Expediente

Centro de Ciências da Educação - FAED

Diretora Geral: Maria da Graça Soares
Diretor Assist. Ensino: Norberto Dallabrida
Diretor Assist. Pesquisa e Extensão: Ione Ribeiro Valle
Secretária Geral: Maria Salette Granzoto Duarte

Jornal da FAED é uma publicação mensal do Centro de Ciências da Educação da UDESC. Rua Saldanha Marinho, 196, Centro, Florianópolis - SC, CEP 88010-450 - Fone (048) 222 5722 - Fax (048) 222 5356 - E-mail F4JC@NPD.UDESC.BR

Conselho Editorial: Norberto Dallabrida (coordenador), Enio Luiz Spaniol, Fernando Moreira, Jairo Cardoso e Alzemi Machado

Jornalista Responsável: Enio Luiz Spaniol (DRT 962/SE)
Diagramação: Jairo Cardoso

Artigos assinados são de inteira responsabilidade dos autores.

DAOM

DIRETÓRIO ACADÊMICO - AÇÃO

Presidente: Marlon Clóvis Medeiros

(3ª fase - Geografia - Noturno)

Vice-Presidente: Magaly Vilpert

(2ª fase - História - Noturno)

Tesoureiro: Abelardo Moraes Júnior

(3ª fase - Geografia - Noturno)

1º Tesoureiro: André Luiz Freitas

(2ª fase - História - Noturno)

Secretária Geral: Karina de Araújo Bias

(1ª fase - Pedagogia - Noturno)

Diretor de Esportes: Marcos Aurélio Macedo

(2ª fase - História - Noturno)

Diretora Cultural: Simone da Silva

(4ª fase - Biblioteconomia - Vespertino)

Diretora/Divulgação: Liliane Moreira Brignol

(2ª fase - História - Noturno)

Propostas

- Retomada de discussões com relação à reforma do estatuto do diretório, que permitirá maior ação na resolução de problemas pertinentes a cada curso e a FAED como um todo;
- Promoção de debates com relação a questões de interesse da comunidade universitária, tais como:
⇒ Continuidade do Ensino Público e Gratuito,
⇒ Qualidade do ensino;
- Criação de um canal de sugestões e reclamações para os acadêmicos;
- Continuidade de atividades do diretório acadêmico anterior, como:
⇒ Festas de recepção aos calouros,
⇒ Gincanas,
⇒ Promoções culturais.

Calendário para março de 1996

08 - Dia Internacional da Mulher - Palestra NES

11 a 15 - Semana do Bibliotecário

Oficinas:

⇒ Restauração e recuperação do Acervo - Marlene Porrinello

⇒ Encadernação e Reciclagem - Alzemi Machado

22 - Festa do Calouro

Agradecimentos

A chapa Ação agradece a confiança de todos e esperamos poder atender as necessidades de nosso diretório. Obrigado.

Calouros

Queremos dar boas vindas a todos os candidatos, que ingressaram nas primeiras fases dos cursos de Geografia e Pedagogia, nesse primeiro semestre de 1996.

Diretório Acadêmico - Gestão Ação

Sintonia AM

Alzemi Machado

☺ Alô, galera, estamos de volta. À coluna e às aulas. Espero que todos tenham curtido as férias no fino trato. Aos veteranos e calouros a certeza de que muitas "brincas" irão acontecer neste semestre, e Sintonia AM coloca-se à disposição de todos para ser o trombone na defesa de seus interesses.

☹ Não consigo entender o porquê da FAED funcionar meio período em fevereiro. Ao invés de dois turnos, ficam entupindo a casa de funcionários, a tarde inteira. Comenta-se ter servidor estressado de tanto olhar ou aturar uns aos outros...

☹ E aí, Reitor? Quando será colocada vigilância 24 horas na FAED? Os roubos já passaram dos limites e providências... nada. Acredito que a reivindicação só será atendida quando alguém do 1º escalão (se aparecer, é claro) da UDESC tiver seu carro roubado ou a carteira batida. Urgência, Magnífico!

☹ Circulou no semestre passado, no CEFID, uma publicação apócrifa, denominada "Tagarela" e distribuída, pasmem, nos banheiros, na qual se teciam diversas críticas ao funcionamento do Centro. Indignados com o tablóide marrom, alguns tiranos de plantão (ou serão permanentes?), estão à caça dos responsáveis. Aos portadores da Síndrome do Pequeno Poder, vou dar uma dica: o "Tagarela" vai continuar saindo e, segundo fontes, com um tempero ainda mais picante...

☺ E por falar em CEFID, espero que a disciplina Teoria de Educação Física, ofertada aos alunos, que, por diversos motivos, não podem realizar o PDS, seja oferecida em horários condizentes. Como frequentar uma disciplina que começa às 17:10 h, se o aluno está em aula normal até às 17:50 h e a mesma não é oferecida à noite? Darei uma dica: jogue par ou ímpar para ver em qual das disciplinas você estará reprovado por frequência.

📖 Acadêmicos de Biblioteconomia voltam a se movimentar. Desta vez organizando, em conjunto com a Coordenação, a Semana do Bibliotecário. De 11 a 15 de março acontecerão debates, palestras, vídeos, demonstração de obras de referência, cursos e ato público em defesa da Biblioteca Pública Escolar. Esperamos contar com o apoio da moçada, pois a maioria não é muito a fim de participar de eventos ligados à área de atuação.

✚ Circula nos meios bibliotecomanos uma discussão, por sinal fechadíssima, sobre a necessidade de retirar o Curso de Biblioteconomia da FAED e integrá-lo à ESAG. O fato parece que já tem nome: Administrador da Informação. Concordo com a necessidade de rever currículos e conteúdos, adequando-os às exigências do mercado de trabalho e da sociedade. Mas não posso corroborar com a forma dessas discussões. É preciso um amplo debate com os alunos, professores, profissionais, instituições, conselhos e associações de classe. O momento não é e nunca poderá ser de imposição de idéias, mas, sim, discuti-las exaustivamente com os interessados, de maneira transparente e democrática, no sentido de buscarmos as alternativas e soluções em conjunto.

♥ As belas e sensuais Simone e Magali, da nova diretoria do DAOM, parecem estar dispostas a acabar com o marasmo e imobilismo do diretório. Cheias de idéias e planos, as garotas estão indo à luta. Além da festa dos calouros, programada para o dia 22, estão articulando uma campanha sobre drogas e de incentivo aos alunos para participação nas instâncias deliberativas (CONSUNI, CONSEPE, CONCENTRO e Colegiados). Só peço duas coisas no momento: que se apresentem com toda a diretoria nas salas de aula e estejam abertas ao diálogo e às críticas. Pelo empenho destas meninas, prometo uma trégua ao DAOM por dois meses.

TEREZINHA GASCHO VOLPATO: “VAMOS TRABALHAR EM CONJUNTO”

Norberto Dallabrida e Jairo Cardoso

Terezinha Gascho Volpato, doutora em Ciências Humanas pela USP e professora de História da Educação da FAED, é coordenadora do Mestrado em Educação e Cultura, que congrega três centros da UDESC, o Centro de Artes (CEART), o Centro de Educação Física e Desporto (CEFID) e o Centro de Ciências da Educação (FAED). No ano passado, participou ativamente da comissão de implantação deste curso e coordenou o processo de seleção da primeira turma de mestrandos.

Terezinha, autora de “A Pirita Humana”, acredita que a criação do mestrado provocará um impacto muito positivo nos cursos de graduação e especialização e principalmente na pesquisa. Afirma claramente que “uma universidade só é reconhecida quando publica seus trabalhos de pesquisa, quando aparece em congressos e seminários”. Por outra, investe na integração dos professores dos três centros envolvidos e no caráter interdisciplinar do curso que coordena.

Antes do Carnaval, numa típica tarde de verão, Terezinha recebeu o Jornal da FAED no prédio da DAPE/FAED, sede do mestrado, com a habitual diplomacia, para um conversa em torno do Mestrado em Educação e Cultura, que inicia neste semestre.

Jornal da FAED - Quais as expectativas para o início do Mestrado em Educação e Cultura?

Terezinha Gascho Volpato - A partir da transformação da UDESC em fundação, iniciou-se um processo de avaliação da produção científica e da relação da universidade com a comunidade. Como resultado, pensou-se em criar um curso de pós-graduação *stricto sensu* a nível de mestrado. Como cada centro não podia criar o seu próprio curso, a UDESC reuniu o CEART, o CEFID e a FAED, principalmente por iniciativa desta, para em conjunto começar a pensar no mestrado. O desenvolvimento desse processo levou à criação do *Mestrado em Educação e Cultura*. Hoje, temos a expectativa de um salto qualitativo na produção científica da UDESC, principalmente na área de educação.

JF - Por que *Mestrado em Educação e Cultura*?

Terezinha - *Educação e Cultura* parecem ser dois termos redundantes, porque toda produção de cultura também é educação e a educação visa transmitir e ampliar a cultura. E nós pensamos não só na transmissão da cultura, mas também em sua transformação. A preocupação da UDESC, ao implantar o mestrado, não foi apenas a demanda existente nos centros envolvidos, mas atender os diferentes centros universitários. Como o mestrado tem uma proposta interdisciplinar, pretendemos repensar a educação de forma renovadora, como alguns centros de vanguarda estão fazendo, através de uma educação mais totalizante. A opção por esse mestrado interdisciplinar é uma adesão consciente, uma postura que vem sendo adotada, ao mesmo tempo como um desafio e uma construção que se vai fazendo gradativamente. E isso é resultado de uma reflexão interna da instituição, que vem sendo elaborada desde os trinta anos de existência da UDESC.

JF - Quais as áreas temáticas do mestrado?

Terezinha - São duas as áreas temáticas fundamentais. A primeira, Cultura e Sociedade, desdobra-se em núcleos, que pretendem estudar aspectos da história, da cultura e da educação, do ponto de vista da formação histórica manifestada na arte, no desporto, na diversidade cultural, na identidade das etnias, no trabalho e na educação; bem como todas as relações da educação com as políticas públicas. A segunda é a de Educação e Aprendizagem, cujos núcleos são Educação Sexual e Movimento

Humano, este ligado principalmente à educação física e ao desporto.

JF - Qual o perfil da primeira turma de candidatos ao mestrado?

Terezinha - 82 candidatos se inscreveram no mestrado, vindos de várias universidades de Santa Catarina e também de outros Estados da Federação. Houve 3 candidatos de Brasília, 3 do Rio Grande do Sul, além das outras universidades do Estado, como a UNISUL e a UNIVALI. A maioria dos candidatos vinha realmente da área da educação, sendo professores do ensino público e das universidades, bem como recém formados da UFSC e da UDESC.



JF - Qual o perfil profissional dos primeiros mestrandos?

Terezinha - Dos 15 candidatos aprovados, 2 são professores do CEART, 1 é ligado à Secretaria do Estado e trabalha com canto orfeônico. 2 são professores de educação física, do CEFID e da ETFESC. Os demais aprovados são da área da educação, como funcionários da Secretaria da Educação, professores das escolas públicas, orientadores educacionais e administradores escolares. Temos também uma aluna da área da saúde, que trabalha no Hospital Regional e vai fazer um trabalho sobre educação e saúde. O perfil dos aprovados está dentro das expectativas do mestrado, uma vez que se dirige para várias áreas de conhecimento, não se restringindo a educação como tal, mas educação num sentido mais amplo.



JF - Essa abrangência é prejudicial ou vantajosa?

Terezinha - Consideramos a diversidade de perfil dos candidatos uma grande vantagem, um enriquecimento muito grande para o nosso mestrado. Como as disciplinas serão ministradas conjuntamente, podem-se trocar experiências dos campos específicos, não se restringindo o saber a disciplinas muito demarcadas, mas entrosando-

se as informações dos diversos núcleos. E o que acontece em todos os mestrados, mesmo que eles tenham uma orientação muito definida, é que o projeto de pesquisa define o interesse do candidato. Nós contamos com professores formados nas diversas áreas de conhecimento, proporcionando aos mestrandos a possibilidade de buscar orientadores dentro de seus campos específicos. Mas eu vejo que a troca de experiências e de conhecimento vai ser altamente benéfica para o nosso mestrado, tornando-o muito procurado no futuro, justamente por essa característica.

JF - Quais os objetos de pesquisa que mais apareceram nos projetos selecionados?

Terezinha - A grande ênfase nos projetos de pesquisa foi a educação e a formação do educador. Outra, em linhas gerais, é a educação e a política, relacionadas as questões do poder e da educação, enquanto ligada aos órgãos estaduais, assim por diante. Há projetos na linha de alfabetização, vários de educação pré-escolar, outros específicos da área de artes, como o resgate da cultura através de museus, ou através do canto orfeônico, e projetos da área de educação física, no sentido da formação do profissional como educador e não meramente executor de exercícios físicos.

JF - Qual a relevância do *Mestrado em Educação e Cultura* para a FAED, especificamente?

Terezinha - A relevância do mestrado, não só para a FAED, mas para os outros Centros que estão trabalhando em conjunto, é o estímulo que vai estender-se aos cursos de pós-graduação e graduação, com a possibilidade de alunos interessados participarem das atividades desenvolvidas. Os professores do mestrado lecionam também nos cursos de graduação, fazendo com que as

pesquisas envolvam e dinamizem a FAED, no sentido de produção de conhecimento, que interesse não só aos mestrandos, mas à própria instituição e à educação como um todo. Acredito que a pesquisa, nas instituições de nível superior, às vezes é relegada a um segundo plano. Com o mestrado, ela se torna muito importante, porque a aprovação final no curso depende das dissertações realizadas, redundando em benefícios para a UDESC e para a FAED, principalmente. Grande parte dos trabalhos será produzida na área de educação, contribuindo para o reconhecimento da universidade. Como sabemos, uma universidade só é reconhecida quando publica seus trabalhos de pesquisa, quando aparece em congressos e seminários.

JF - E num sentido mais amplo, como a Senhora avaliaria a contribuição do mestrado para o sistema educacional catarinense?

Terezinha - Na educação catarinense, eu vejo que o *Mestrado em Educação e Cultura* veio atender a demanda muito grande de candidatos em busca de qualificação profissional, seja na área da educação, da administração ou do planejamento. Acredito, portanto, que para todo o Estado mestrado está trazendo uma contribuição para a educação.

JF - Mais alguma consideração?

Terezinha - O Mestrado está pensando em atuar em conjunto com os professores da FAED, do CEFID e do CEART, promovendo uma integração entre os professores. Nossa expectativa é de que o Mestrado não seja uma coisa à parte, mas que esteja realmente dentro de um grande projeto na educação. O Mestrado é um programa de importância significativa, que interessa à administração da universidade e do centro, ao corpo docente e aos funcionários. Por sua vez, o Mestrado também sente a responsabilidade de dar um retorno aos cursos de graduação, no sentido de que não seja uma ilha dentro da UDESC, mas seja um elo de integração de todos. Esperamos que os professores e alunos possam contar com a colaboração do Mestrado, assim como o Mestrado também espera contribuição nos eventos que conjuntamente realizaremos.

Norberto Dallabrida e Jairo Cardoso são membros do Conselho Editorial do Jornal da FAED

OS (D)EFEITOS DO REAL

Prof. Stélio Furlan

Rubem Fonseca é considerado um dos bons contadores de histórias na paisagem literária brasileira. É comum encontrar em seus textos uma reflexão sobre o fazer literário através do qual transforma em narrativa a sua própria experiência cotidiana, urbana. Com efeito, aí um mundo real se transforma em literatura. O elo entre o vivido e o (re)inventado foi, justamente, um dos aspectos que a dissertação de Mestrado, intitulada "*Agosto: os (d)efeitos do real*", buscou investigar. As mal traçadas linhas que se seguem nada mais são que um *abstract* dos passos desse trabalho.

Há, a meu ver, em *Agosto*, lançado em 1990, uma predileção pela suspensão dos limites entre o histórico e o ficcional. Isso se confirma no corpo do texto, por exemplo, pela presença de personagens históricas das quais se desprendem virtuais personagens homólogas com as quais contracenam, na recomposição do chamado *atentado da Rua Toneleros*, contra Carlos Lacerda e no suicídio de Getúlio Vargas. Ou ainda, na irrupção de pormenores concretos (o pijama de listas do presidente, o anel de ouro de Gregório Fortunato), como catalises que surgem para dar aparência de real à situação imaginária, se se quiser, para auferir maior autenticidade ao relato.

A sensação de realidade vai se gestando na demarcação constante da temporalidade. O romance se exhibe como um diário. São evocados vinte e seis dias do mês de agosto de 1954. Estes se encontram distribuídos em vinte e seis capítulos, sendo que a data dos fatos históricos coincide com o número de capítulos. Ou ainda pelos cenários escolhidos: o palácio do Catete, o palácio Monroe, as ruas do Rio de Janeiro, e por aí fora.

Mas ele não pretende produzir um inventário realista do visível. Não se trata de uma "imitação" *tal e qual* da realidade, porém se mantém em relação ao vivido uma correspondência transfigurad(or)a. Interessa menos a veracidade do que uma maneira peculiar de ver a cidade: um olhar monocromático, como se diz em *Agosto*, "parece ver tudo cinza".

Agosto ilustra o que se poderia chamar de uma *poética da suspensão das oposições*. Essa tentativa de conciliação do verídico e do verossímil lembra os pressupostos de uma certa estética que se pode chamar de *neobarroca*. Neobarroco menos como um "ismo" enalacrado entre uma estrela e uma cruz do que como uma *constante formal*, i.é, uma recorrência e uma exacerbação de determinados procedimentos. Isso eu leio no jogo de reflexos, nas homologias várias entre personagens reais e criadas. No excesso *noir* e de personagens; na re(a)presentação de um espaço instável, do dinamismo, da dualidade, do desequilíbrio, do paroxismo, da desestruturação do pensamento lógico, e da excitação contínua.

Agosto recupera a intrusão barroca de um tipo de discurso no outro, espaço da sobreposição, da *montagem*, da colagem. *Agosto* mosaico: *collage* saturado de textos. Emaranhado inflacionário de extratos, simultaneidades, coexistências; conjunção de heterogeneidades. Um labirinto no qual se amalgamam histórias no plural: pessoais, passionais, políticas, patéticas, heróicas, reais, fictícias. A multiplicidade traduz uma certa atração pelo ofuscamento que nasce do movimento labiríntico das tramas paralelas cuja função mais não é que enredar, desviar a atenção do leitor. Ou nos deciframentos parciais e progressivos que vão da instauração do enigma ao desenlace e, entremetidos, a descrição de uma espera. Isso me remete, de imediato, àquela tonalidade *chiaroscuro* própria dos jogos de luzes e sombras, comuns ao barroco, que aqui se insinua nessa rede de expansões, deslocamentos, evasões, ocultamentos, revelações.

No fundo, essa recomposição tentativa do real da qual *Agosto* é expressão, me sugere a noção de que a todo instante se tecem *ficções*. De algum modo, seja no discurso histórico ou literário, se *constroem* personagens que, à sua vez, são inseridos num enredo. Trabalho em que se pesquisa, se (de)talha, se trama, se fabula. Isso me sugere também que, nesse processo, a neutralidade deve ser remetida ao campo do improvável pois tudo parece estar revestido de um certo *interesse*, quer no aspecto psicológico, quer no econômico. No primeiro caso se

inclui, por exemplo, aquilo que desperta alguma casual fantasia poética, no segundo, o gosto do público, os custos de editoração.

A leitura de *Agosto* deu margem, justamente, para se pensar a realidade com um efeito do trabalho da enunciação discursiva. É como se toda representação do real e/ou toda produção de sentido derivasse da *ficção* (entenda-se, uma maneira de tramar) i.é, passa pela manipulação de determinados procedimentos, recursos narrativos. Isso menos exclui a existência de uma realidade extralingüística do que reivindica a noção de que o passado só nos é acessível através de um artefato textual.

Interessa menos a veracidade do que a maneira peculiar de ver a cidade: um olhar monocromático, como se diz em *Agosto*, "parece ver tudo cinza".

Assim como a trajetória do projétil ou do ferimento determina a posição do criminoso, como ensina a medicina legal penal, todo texto traz, implícita ou explicitamente, marcas que denunciam a posição e a distância do escritor. Não se escrevem histórias, portanto, sem uma tomada de posição e um certo distanciamento frente ao que se visa contar. Em *Agosto*, por exemplo, um narrador ubíquo assume a organização e modelização do espaço diégético. Não adota a perspectiva de uma entre as diversas personagens, antes, procura extrair a si da ação narrada. Não narra enquanto atuante, mas se conserva um observador impessoal e flutuante. Isso traduz um discurso mais abstrato à medida que marca um distanciamento máximo entre sujeito da enunciação e enunciado. Ao cortejar um grau maior de verossimilhança ao texto insinua conquistar a confiança do leitor.

Na abertura do texto encontramos, de imediato, um início *in media res*. As primeiras linhas comportam um excesso de informação implícita sobre a informação explícita, se se quiser, são movimentos de antecipação discursiva. A narrativa se constrói por deslocamentos ampliando gradativamente a *locus* ação. Não há uma trama única, central, antes, exalta o desvio, a digressão. As cenas estão em fuga contínua. Isso provoca no leitor uma percepção fragmentária das coisas, uma série de atos instantâneos. O leitor só não perde o fio da meada porque os *flashbacks* ou analepses explicativas, a excessiva reiteração de gestos, palavras, compensam a perda da informação ocasionada pelas tramas paralelas. A representação surge como *conditio sine qua non* para a criação desse efeito verossímil.

É como se toda representação do real e/ou toda produção de sentido derivasse da *ficção* (entenda-se uma maneira de tramar).

O fluir do tempo vai se configurando em torno do foco estruturante que é o locutor. A sucessão temporal parece corresponder a uma gradação de intensidade criando expectativa ao lado dos fatos dados, sem expectativa. Os eventos temporalmente ordenados indicam uma progressão para o desenlace. Seria pura prospecção não fossem algumas interferências e certos jogos temporais a problematizaram a simultaneidade entre o tempo da história e o tempo da narração. Se, de um lado, essas alterações surgem como desvios estratégicos retardando o desenlace, preservando ou prolongando o enigma, de outro, servem como uma pausa para a contextualização, para o preenchimento de lacunas, para dar mais coerência ao relato.

De modo geral se pode dizer que a trama de *Agosto* não se diferencia da inclinação comum das tramas literárias ou de toda intriga que se caracteriza pela resolução de uma multiplicidade na direção de uma

unidade primária, com o retorno a algum ponto de partida. No que tange a manipulação de recursos narrativos *Agosto* é um livro bem escrito, bem planejado. Contudo, penso que o seu "mérito" está menos na sua realização literária propriamente dita do que na possibilidade que instaura de transformar o texto em suporte para outras linguagens. Como de fato ocorreu com a transposição televisiva do texto homônimo.

Após analisar as situações e instâncias narrativas através das quais o real se plasma, tentei pensar *Agosto* em relação a outros textos produzidos da *mesma* forma para identificar o que se repete e o que contesta, i.é, como dialoga, com as *leis* da prosa policial. Vale dizer, *Agosto* corrobora a noção que reduz o gênero policial à variação de alguns elementos relativamente fixos: um delito (ou vários) e seu(s) inquérito(s). É nesse torneio repetitivo que se configura o cerne de toda uma prática literária. Trata-se, por conseguinte, de uma estética da repetição, da reciclagem. Mas não há como deixar de notar um cortejo pela desmistificação dos arquétipos do gênero: em vez da ascensão do intelecto puro, na esteira holmesiana, prefere o ser em conflito enredado nas armadilhas da lógica. A leitura das pistas não mais conduz à verdade, antes surge como ocasião do erro.

Por fim, visei pensá-lo também em conjunção com o seu contexto. É como se a "moral da história" de *Agosto* reiterasse o senso comum: a circularidade estéril do "tudo muda para ficar igual", como diz Rubem Fonseca, "um frustrante círculo vicioso". Deixa uma sensação de desesperança ao marcar o retorno ao mesmo ponto de partida. Uma fábula circular emoldurando uma sucessão de acontecimentos aleatórios. Esse retorno é necessário para que a curvatura da linha do texto se transforme numa reta fechada, o que nos dá uma sensação de coesão, de acabamento.

Ora, textos como o de *Agosto*, independente de não se tratar da "grande arte" do autor, são sempre bem-vindos à medida que não só criam um gosto pela leitura como também participam da recuperação de algo esquecido: ao penetrar nas zonas escuras e silenciosas do passado, tal recomposição não mascara uma história com suas veias abertas, permeada pela *catástrofe* e pela relativa *mudança*. São bem vindos, mesmo que nos deixe uma visão amarga ou cética de um mundo sem saída.

Mas, talvez, não se trate de mero pessimismo, de uma compulsão pela amargura. Ainda que *Agosto* tematize a degenerescência civilizatória, podemos dizer que, em termos de história das culturas, a idéia de decadência implica menos conotações morais ou materiais do que reflete uma demasia de experiências disponíveis e a conseqüente crise de originalidade. O que assinala a decadência é, efetivamente, o relativismo de valores, o ecletismo do gosto, as vivências multiculturais, a pertinência das performances transdisciplinares. Vale sublinhar que é nos períodos de decadência que as oposições se suspendem, as ilusões são deslocadas, os mitos se desmancham. Dando a palavra a Getúlio Vargas, personagem verídica dessa história verossímil, "os seres humanos passam, mas a História continua"...

Em suma, é o liame entre o possível e o provável que a experiência ficcional possibilita, tal como aparece no texto de Rubem Fonseca. Ao se abrir à complexidade do real, o texto sugere um reino da intermediação entre a imaginação e a realidade. E aqui podemos identificar um processo comum tanto à narrativa histórica quanto à ficcional. Envolve a seleção, o (re)corte e a síntese, procedimentos pelos quais se alcança a intangibilidade e, por conseguinte, a produção dos sentidos. Esta é a teia de *Agosto*. É nessa rede de associações, de conexões várias, na pesquisa, no detalhe e na montagem de elementos heterogêneos, nessa articulação do disperso que se gestam os (d)efeitos do real.

Florianópolis, 16 de janeiro de 1996

Stélio Furlan, graduado em História, mestre em Teoria Literária, é professor do Departamento de Estudos Geo-Históricos da FAED.

A SEXUALIDADE DOS FILHOS NO IMAGINÁRIO DAS MÃES DE CLASSE MÉDIA

Vanessa Gandra Dutra Martins

Este ensaio apresenta um trabalho monográfico, em formato de Estudo de Caso, produzido no Curso de Especialização em Educação Sexual (UDESC, 1995), que pretende desvendar a construção da sexualidade dos filhos - crianças ou adolescentes - no imaginário das mães de classe média de Florianópolis.

A pesquisa partiu de algumas hipóteses, entre elas, a hipótese de que as mulheres/mães, pertencentes à classe média de Florianópolis, não possuem suporte teórico para trabalhar tranquilamente a sexualidade de seus filhos, devido à precariedade da educação sexual que receberam de seus pais, das escolas que frequentaram e da formação acadêmica.

A partir desta primeira hipótese, supôs-se que a Educação Sexual que essas mulheres oferecem aos filhos seja um pouco confusa e oscile entre o silêncio total (presente nas situações em que não sabem realmente o que dizer aos filhos), as explicações médico-biológicas (centradas exclusivamente nas funções corporais) e as atitudes pseudo-liberais (que muitas vezes ocultam o conservadorismo por trás do forte apelo erótico-comercial presente em diversos segmentos da sociedade, principalmente na mídia, que influenciam o comportamento de todas as pessoas e emprestam uma falsa naturalidade a tudo o que se refere à sexualidade, embaralhando os valores dos adultos).

A pesquisa pretendeu ainda, contrapor-se às concepções do senso comum que encaram a classe média como uma classe mais liberal e menos preconceituosa em relação à sexualidade, por ser um pouco mais privilegiada financeiramente e possuir acesso a um número maior de informações.

Diante de tais hipóteses, questionou-se a maneira com que as mulheres/mães pertencentes à classe média de Florianópolis, oferecem orientação sexual para seus filhos e como encaram as diversas manifestações sexuais dos mesmos? O que representa o mito, a fantasia, a dificuldade, a angústia e a realidade?

Como conceber a sexualidade; quais os critérios que utilizam para fazer uma distinção entre normalidade e anormalidade; como foi a educação sexual que receberam no decorrer de suas vidas; quais seus principais temores diante da sexualidade de seus filhos, qual a posição de seus parceiros frente à construção da sexualidade dos filhos; como procedem na educação sexual de filhos de sexos opostos e como gostariam que a disciplina *Educação Sexual* fosse abordada nas escolas de Florianópolis?

A metodologia de pesquisa foi baseada principalmente em entrevistas semi-estruturadas, realizadas com cinco mulheres típicas da classe média de Florianópolis, e a monografia dividida em quatro partes: *Fundamentos Históricos e*

Antropológicos para Compreensão da Sexualidade e suas dimensões institucionais e políticas; Discursos e Vivências sobre a sexualidade dos filhos no imaginário das mães; Análise Crítica e Reflexiva sobre o estudo de caso: contradições e perspectivas; Considerações Finais.

Diante das questões colocadas às mulheres, pôde-se perceber que nenhuma delas teve orientação sexual considerada (por elas mesmas) satisfatória.

As mães tiveram dúvidas em relação à hora em que deveriam falar pela primeira vez sobre a sexualidade com seus filhos, porém fantasiaram a existência de um momento certo.

Na maioria dos casos, a atitude das entrevistadas oscilava entre o silêncio total às questões referentes à sexualidade e a simples confirmação de algum fenômeno biológico, como a primeira menstruação. O silêncio das entrevistadas fez com que todas elas fossem buscar respostas para suas dúvidas com as amigas ou "na rua".

As mães tiveram dúvidas em relação à hora em que deveriam falar pela primeira vez sobre sexualidade com seus filhos, porém fantasiaram a existência de um momento certo, e imaginaram que o assunto deveria ser abordado quando a criança perguntasse como nasceu. E apesar de todas elas afirmarem que se prepararam muito através da leitura, com apenas uma exceção, sentiram-se muito constrangidas diante da pergunta da criança.

Apesar de todas as entrevistadas desejarem que a afetividade esteja presente em qualquer vivência ou informação sexual que seus filhos venham a ter, sempre reduziram a sexualidade à genitalidade e ao aspecto biológico, como a relação sexual, menstruação, masturbação, procriação etc. Apenas duas mulheres conseguiram conceituar a sexualidade e quase todas consideraram muito difícil a pergunta colocada.

A respeito da posição de seus parceiros durante o processo de educação sexual dos filhos, a maioria das mulheres relatou experiências muito positivas, ocasião em que revelaram-se homens mais sensíveis e amadurecidos.

Quanto aos temores referentes à hipótese de seus filhos não receberem orientação sexual em casa ou na escola, foram citados os mais diversos, tais como: o medo que os filhos façam sexo só por fazer, influenciados pela mercantilização do sexo exposto através da mídia; receio que os filhos associem culpa, pecado e proibição à relação sexual. AIDS,

violência sexual e o medo fantasioso de que o homossexualismo possa ser causado por falta de informação.

A respeito da posição de seus parceiros durante o processo de educação dos filhos, a maioria das mulheres relatou experiências muito positivas, ocasião em que revelaram-se homens mais sensíveis e amadurecidos, dispostos a discutir as questões da sexualidade com os filhos e em parceria com as mulheres.

Diante de algumas manifestações da sexualidade de seus filhos, as respostas foram mais diversificadas, porém todas mostraram-se bastante chocadas com o que presenciaram. A adolescente do sexo feminino que namora e troca frequentemente de namorado, é vista com preocupação pelas mães, que não aprovam o comportamento. Já os meninos são bastante estimulados a trocarem frequentemente de namorada e a preocupação muitas vezes recai sobre as mesmas, que algumas vezes foram citadas como meninas que podem desejar engravidar para casar, constituindo "um perigo" para algumas mães. O que nos mostra o quanto a mulher ainda reproduz conceitos discriminatórios, sem se dar conta que os mesmos voltam-se contra ela.

E a sexualidade em nossa sociedade é tão valorizada, excessivamente pensada, calculada, regulada, cuidada e manipulada, que ainda está longe o dia em que será encarada apenas com naturalidade.

Vanessa Gandra Dutra Martins, graduada em História, especialista em Educação Sexual, é mestranda em Educação e Cultura (UDESC).

ORIENTAÇÕES GERAIS PARA PUBLICAÇÃO DE ENSAIOS NO JORNAL DA FAED

- Os originais devem ser encaminhados até o dia 10, para publicação no mesmo mês;
- Somente serão aceitos trabalhos que tenham no mínimo 3 (três) e no máximo 4 (quatro) laudas de 50 (cinquenta) linhas de 60 (sessenta) toques, assinados e rubricados pelo autor;
- Pseudônimos devem estar acompanhados da identificação do autor;
- Originais não publicados não serão devolvidos;
- *Jornal da FAED* não divulga trabalhos que façam qualquer espécie de publicidade comercial;
- Todos os trabalhos serão submetidos a revisão gramatical e ortográfica antes da edição.

BIBLIOCANTO

Wanja Marques de Carvalho

→ Paulino de Jesus Francisco Cardoso, Itamar Siebert e Márcio Roberto Voigt. Estes são os professores, todos do departamento de Geo-História, que procuraram regularmente a Biblioteca Setorial no 2º semestre de 1995. Só para lembrar, em um dos painéis montados durante a Semana do Livro, destacamos uma frase: "O seu interesse é a nossa motivação".

→ A Biblioteca conseguiu cumprir sua programação de reorganização das estantes e do ambiente de trabalho. Contou com o apoio do pessoal de Serviços Gerais, especialmente da Sra. Adelaide.

→ A Biblioteca está começando o ano letivo com novas orientações para seu funcionamento, estruturadas e formalizadas pela Resolução nº 032/95 do CONSEPE. Entre as rotinas estabelecidas, destacamos as que afetam diretamente os usuários:

- Art. 7º São obrigações dos usuários das Bibliotecas Setoriais:

I - deixar sobre a mesa da biblioteca o material utilizado nas consultas, não os colocando nas estantes;

II - manter discreto silêncio no recinto da biblioteca, onde também não é permitido comer ou fumar;

III - guardar pastas, sacolas, bolsas embrulhos e outros, no local apropriado da biblioteca;

IV - solicitar seu cartão de usuário;

V - observar rigorosamente a data de devolução do material;

VI - pagar a multa estabelecida, no caso de devolução do material emprestado em data posterior à determinada (multa de um centésimo do salário mínimo vigente, por dia de atraso);

VII - solicitar renovação de empréstimo;

VIII - devolver o material emprestado;

IX - no caso de extravio, rasuras, anotações ou outros danos na obra emprestada, indenizar a biblioteca;

X - notificar imediatamente a biblioteca no caso de perda do cartão de empréstimo;

XI - requerer a 2ª via do cartão de empréstimo, no caso de extravio, e pagar a taxa equivalente ao valor de multa por dez dias de atraso na devolução de livro;

XII - apresentar na Secretaria do Centro a que pertence, documento emitido pela Biblioteca Setorial com declaração de que nada deve a fim de obter certificado de conclusão de curso, trancar ou efetuar matrícula, colar grau, transferência e apresentação de trabalho de conclusão de curso.

- Art. 8º Prazos para empréstimo de materiais: 07 (sete) dias para alunos da graduação, 15 (quinze) dias para professores e alunos de pós-graduação. Em ambos os casos, até três títulos de cada vez.

- Art. 14. Os casos omissos no Regulamento serão resolvidos pela Chefia da Biblioteca Setorial, ouvido o Diretor Geral do Centro de Ensino.

→ Funcionários que estão atuando no Setor:

Chefe da Biblioteca Setorial: bibliotecária Wanja;

Bibliotecárias: Léa e Sônia;

Assistentes: Neide e Roberto;

Bolsista: Simone.

→ Horário de funcionamento da Biblioteca Setorial da FAED, para atendimento externo:

07:30 às 21:30 horas.

"Ó IÉS, Ó NOUS"

Enio Luiz Spaniol

É. Foi mais ou menos assim, plagiando os Mamonas: "ó iés, ó nous". O Governador do Estado, Paulo Afonso Evangelista Vieira, convocou, de forma extraordinária, a Assembléia Legislativa para aprovação da "Reforma Administrativa do Estado", idealizada por ele. Isto foi no mês de janeiro.

Só que o mandatário máximo do Executivo Estadual esqueceu-se de um detalhe: a aprovação desta Medida Provisória e depois da Lei Complementar passaria pela vontade (+ ou - autônoma) dos 40 Deputados com assento no Poder Legislativo. Esta "reforma" foi tão secretamente planejada, que o líder do Governo só chegou a tomar conhecimento das medidas no dia da entrada do projeto na Assembléia. E todos os demais Deputados, a imprensa, a sociedade catarinense, só naquele momento tomaram conhecimento das intenções do Governador.

Em síntese, a proposta era reduzir a folha de pagamento aos 65% da Receita do Estado, previstos na Constituição Federal. Nos meses em que a folha absorvia um percentual superior aos 65% da receita, haveria confisco deste valor excedente. O confisco seria proporcional ao que cada funcionário recebia. No mês de janeiro, por exemplo, haveria um confisco de 11,87% na folha dos funcionários do Estado. Nos meses seguintes, o confisco poderia ser maior ou menor, dependendo do comportamento da receita do Estado. A devolução do valor confiscado seria feita nos meses em que a folha de pagamento do Estado ficaria abaixo dos 65% da receita.

A gritaria foi geral. Os professores, além de já terem um salário minguado, sofreriam um confisco de 11,87%.

Aqui na UDESC, os professores estavam preocupados. Inúmeros telefonemas angustiados procurando notícias. Seremos vítimas do confisco?

Resultado final: a medida do Governador não prosperou. Os Deputados deram um basta nas intenções de Paulo Afonso. Derrotaram a primeira tentativa, na Medida Provisória, e derrotaram a reincidência, através da Lei Complementar. De carona, o líder do Governo pediu se afastamento do cargo.

Resta saber agora, o que o Governador vai fazer. Segundo rumores, ele vai insistir na medida.

Ele foi derrotado nesta convocação extraordinária, que não precisaria ter feito (engordou a Conta Bancária de cada Deputado com R\$ 12.000,00 - um carro 0 Km).

Há o risco - para o bem da educação catarinense, da qual somos partícipes diretos aqui na FAED - dele (Governo) sofrer uma segunda derrota no Legislativo no início do período normal de 96. A vitória do Governador (talvez esteja aí a verdadeira intenção da medida) é o esvaziamento antecipado de pedidos de reajuste.

Se esta tentativa de "reforma do Governador" já foi uma verdadeira festa de "Ó iés, ó nous", imaginem o que poderá ainda vir.

"Dr. Automobilis Causa"

Em virtude do corte de carro da FAED, o JF lançará brevemente o título "Dr. Automobilis Causa". Aguardem.

DAPE

Fernando Moreira

⇒ Projeto Museu da Escola

Exposição *A Casa e a Escola: o cotidiano da família catarinense em Santo Amaro da Imperatriz* (Museu da Escola Catarinense).

Data: de 1º a 8 de março/96

Local: Casa da Professora Maria Carolina Galloti Kehrig, em Santo Amaro da Imperatriz - SC.

⇒ Durante o mês de janeiro de 1996, no período das férias coletivas, o prédio da DAPE passou por importantes obras em sua rede elétrica, permitindo, a partir de agora, a instalação de novos e modernos equipamentos, com vistas à melhoria das condições de trabalho no campo da informática. Estas novas instalações permitem, ainda, a instalação de aparelhos de ar condicionado, proporcionando maior conforto aos usuários dos serviços oferecidos. Também passaram por reformas as áreas físicas do Laboratório de Mineralogia e da Secretaria da Escola de Governo, que funcionam no mesmo endereço.

⇒ Atenção, Professores e Alunos!

Artigos para publicação na Revista "Universidade e Sociedade", da Universidade Estadual de Maringá - PR, devem ser enviados para a DAPE, até 13/3/96. Orientações nos murais da FAED e da DAPE.

GRUPO PET TEM OLHAR POSITIVO DA CAPES

O PET, sob a tutoria da Profª Maria Graciana Espellet de Deus Vieira, vem ganhando força na FAED e, na ótica da CAPES, conta com o empenho dos professores e bolsistas no sentido de "dar efetividade a aspectos importantes da proposta acadêmica original, justificada em torno da relação sociedade-natureza e pensada por meio dos paradigmas do geossistema e formação sócio-espacial".

O parecer da CAPES, emitido em novembro/95, ao mesmo tempo em que eleva o trabalho do grupo PET, coloca grandes desafios à Profª Tutora e os bolsistas, especialmente quanto a necessidade de "irradiar os efeitos deste PET para um número maior de alunos" do Curso de Geografia e de todo o Centro de Educação.

FAED TEM NOVA PROFESSORA

Wanja dos Santos Marques de Carvalho, Chefe da Biblioteca Setorial da FAED/UDESC, lecionará no Curso de Biblioteconomia do CED/UFSC. Em fevereiro deste ano Wanja foi aprovada no último processo seletivo da UFSC, para ministrar a disciplina de "Organização e Administração de Bibliotecas".

QUALIDADE TOTAL: PARA QUEM?

Profª Ione Ribeiro Valle

Parece paradoxal voltar a falar em qualidade, com tanta veemência, nesta virada de milênio. O discurso da qualidade tem assumido várias facetas, de acordo com as diferentes conjunturas sócio-políticas. No campo da educação, assistimos e/ou participamos da construção de um modelo - de caráter tecnicista - que se pautou na qualidade. Como esquecer dos objetivos centrais dos Planos de Educação, relacionados à "Melhoria da Qualidade do Ensino", planos estes voltados à qualificação de mão-de-obra para um modelo excludente, seletivo e discriminatório?

Certamente, o quadro conjuntural, hoje, é diferente. As "promessas" do liberalismo e mesmo do socialismo clássico, encontram-se esgotadas, quando consideradas a partir dos regimes políticos nelas inspirados. Todavia, "velhos modelos" insistem em mostrar uma nova cara. Podemos nos reportar ao "determinismo capitalista", de Drucker, por exemplo. Nele, a sociedade do conhecimento ignora o homem, enquanto ser histórico, e o toma apenas como agente de mercado - desde que adequadamente instruído. No dizer da Professora Sônia Melo, esse modelo constitui-se numa "ofensiva massificante de mercantilização da educação e de domínios mais explícitos - educação/treina-

mento/adestramento".

Ao olhar especificamente a questão da qualidade na FAED, reafirmamos que queremos qualidade, mas temos uma concepção filosófica de qualidade, totalmente distinta daquela que "virou moda" e que está custando muito caro à UDESC.

Como nos lembra Rubem Alves, a preocupação com a qualidade está entre "as mais antigas do universo e as coisas essenciais sobre o assunto foram ditas há muito tempo".

A postura que estamos assumindo em relação à qualidade total é crítica e leva em consideração, por exemplo, a análise de David Harwey, sobre a questão do acesso ao conhecimento técnico e científico; este sempre teve importância na luta competitiva e, neste momento, se coloca como tática central, no processo de realinhamento das forças capitalistas.

Nossa estratégia de ação frente a esse quadro conjuntural só pode ser uma: utilizar o que a ferramenta qualidade total (como o que se fez com os 5S) pode contribuir para realizar o compromisso político pedagógico da FAED.

Para ousar - esta tem sido a postura deste Centro - podemos dizer que estamos caminhando em direção à utopia socialista, na perspectiva filosófica de Edgar Morin.

ADFAED

Profª Ana Maria Juliano

→ Neste mês teremos eleições na ADFAED. Estão abertas até o dia 22 de março as inscrições das chapas. Qualquer professor sindicalizado pode formar sua chapa, sendo necessário o preenchimento dos seguintes cargos: Presidente, Vice-Presidente, Secretário, Tesoureiro, Diretor e Vice-Diretor de Divulgação e Eventos, Conselho Fiscal (3 professores efetivos, mais 3 suplentes).

A eleição se dará no dia 29 de março. É uma tarefa que exige um pouco de desprendimento de cada um, mas compensa por sabermos que a participação em um movimento associativo é o que nos dá força para luta pela conquista de uma universidade melhor e de qualidade.

Somos, juntamente com os professores da FEJ, a única associação de professores da UDESC, sindicalizados com todos os direitos assegurados junto a ANDES - Associação Nacional de Docentes de Ensino Superior.

→ Em dezembro p.p. enviamos correspondência ao Magnífico Reitor (com abaixo assinado em anexo) solicitando aos professores colaboradores o mesmo tratamento dos professores efetivos no que diz respeito ao adicional pro titulação garantido pela Lei nº 9.907 de 3 de agosto de 1995, publicada no Diário Oficial do Estado em 8 de agosto de 1995. Até o presente momento não recebemos nenhuma manifestação por parte da Reitoria.

→ Em janeiro p.p. a ADFAED - S. Sind., acompanhando as notícias que vinham sendo veiculadas nos jornais e televisões do Estado, acionou o Sindicato Nacional - ANDES, que contratou advogado para salvar-guardar direito de seus associados, no que diz respeito ao recebimento integral dos seus vencimentos, o que se deu através de liminar concedida pelo Tribunal de Justiça, através do Desembargador João Martins.

Mesmo não tendo sido posto em prática o referido desconto, podemos nos tranquilizar em relação a este tipo de ação, porque existe jurisprudência consolidada no Supremo Tribunal Federal.

→ Ocorrências em relação aos vales:

Continua a emissão de vales para servidores inativos.

Uma professora foi buscar seu bloco de vales e como o mesmo não foi encontrado, recebeu um conjunto de outra pessoa (que já não era mais funcionário), para ser usado até que seu caso fosse resolvido.

SERVIDOR DA FAED DEFENDE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Helton Ricardo Ouriques, servidor técnico-administrativo do Centro de Ciências da Educação, defendeu em 09 de fevereiro, no Auditório do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, dissertação de mestrado intitulada "Turismo em Florianópolis: uma crítica à indústria pós-moderna".

Helton foi admitido por Concurso Público em junho de 90 e trabalhou na FAED até abril de 93, quando solicitou licença sem remuneração para cursar mestrado na UFSC. Atualmente é professor-colaborador do Curso de Economia, do Centro Sócio-Econômico.

PROFESSORES PARTICIPAM DE ENCONTRO NA USP

De de 12 a 15 de fevereiro de 1996 aconteceu, na USP (São Paulo), o 2º Encontro "Perspectivas do Ensino da História". Dele participaram os professores do Departamento de Estudos Geo-Históricos Vera Lúcia Schappo, Bárbara Giese e Carlos Eduardo Moreira da Silva.

Encontro bastante proveitoso, que veio a confirmar mais uma vez a qualidade do ensino e a atualização do currículo do Curso de História da FAED/UDESC.

ADFAED - S. Sind


Inglês & Espanhol

O curso One Way de inglês e espanhol oferece a você uma extensão do One Way da Lagoa no Centro da cidade, através do convênio com a FAED (Faculdade de Educação da UDESC). One Way é um curso dinâmico, com metodologia avançada que combina com você.

Valores para o semestre 2011

• A vista 235,00 - 50% de desconto 117,50

• 4 x 47,50 em cheques pré-datados

Informações: (41) 3333-1111

Inscrições de 05/3 a 08/03 de 1996
Rua Salomão Marinho, 45 - 196 - Centro

QUARTETO EM SIC

Jairo Cardoso

O Jornal da FAED estava planejado no final de 1994, para substituir o finado *Utopia*, desaparecido naquele ano. Nas idas e vindas das reuniões para definir os responsáveis pelo novo tablóide, queimou-se muita gente na fogueira dos proscritos. Durante dias saiu apenas fumaça preta da sala do Diretor de Ensino, mas o conclave não durou muito tempo: fumaça branca no ar, tínhamos um coordenador. Então um grupo de abnegados - releiam a entrevista com a Diretora, o elogio é dela - assumiu o compromisso de lançá-lo no início de 1995. Ninguém botava fé, mas o JF comemora o primeiro ano, um ano que rendeu histórias.

O número um foi fabuloso, no sexto sentido do Aurélio. Obscuro, para não dizer errado, debochou da ortografia. Imprescindível virou imprescindível, e logo no Editorial! Reparem bem, o jornal foi digitado e diagramado por uma empresa privada, de quem absorvemos o jargão da qualidade total - aspas com os dedos. Garatujado nos rejeitos da burocracia, deveria sair no dia 6 de março, logo depois do Carnaval. A pressa derrotou a perfeição, mas o JF precisava deixar de ser apenas uma ideia. O presumido editor-chefe enjambrava matérias, pois as colaborações não foram expressivas. O signatário desta coluna queria ir para casa, era sexta-feira, véspera de feriadão. Escusado contar, o revisor não deu as caras, nem sabia que fora designado revisor. O futuro colunista social, hoje responsável pela Sintonia AM, testemunhou o parto, provando o vestido de noiva que usaria no bloco dos sujos. O trabalho estava pronto, finalmente.

Não, não estava. Faltava uma imagem para a capa. Às sete horas da noite não haveria fotógrafo disponível, nem máquina fotográfica, nem filme. O jeito foi usar aquele retrato da FAED, pendurado na sala da Diretora - retrato é meio clássico, não acham? Pelo menos combina com o prédio. O quadrinho foi emprestado, mas com recomendações. Cuidado, perderam o negativo, é o único que temos. Não deu outra, demorou a voltar para a parede. Alguns dias depois apareceu na sala ao lado, que também é sede do JF. Funcionários zelosos do patrimônio público não gostaram, eu também não gostei, mas não tive nada a ver com isso.

A série *A Autonomia Perdida, a UDESC Traída* estreou no primeiro número. Muita gente criticou, não sei se a forma ou o conteúdo - se bem que criticaram sem entender. Quem entendeu, concordou. Revanchismo não é crítica e estamos conversados. Sejam tolerantes, o autor escreve difícil. Aquilo não era mais um artigo, era um sermão. As catilinárias continuaram até o número cinco e hoje sentimos falta da iluminação do Espírito Santo, sem querer pentecostalizar, mas já pentecostalizando, o JF - trava-línguas complicado, ainda bem que é para ser lido.

O número dois deixou saudades. A relação de ofícios não respondidos, a série *Autonomia* em sua melhor forma, *A FAED "tchetchenizada"*, tudo em nome do protesto. O JF recebeu o nada criativo apelido de "Porradinha", provando que não tem mesmo adversários à altura. O segundo número permanece recordista de tiragem: dois mil exemplares

disputadíssimos, hoje difíceis de encontrar. A situação guardou-os no baú da Dinda, a oposição incinerou-os em praça pública. De qualquer forma, tínhamos pretexto para entrevistar o Reitor.

Foram quarenta e cinco minutos de gravação, fidedignamente transcrita, aprovada e assinada pelo entrevistado, que fez questão de ler o copião. O Reitor recebeu muito bem os repórteres improvisados e até lhes deu uma carona de volta. Só faltou um cafezinho. Houve uma boa hora de conversa informal, cujo conteúdo não foi e não será revelado. Antes da entrevista, o sintonizado colunista social fotografou os banheiros da Reitoria, prometendo compará-los com os da FAED, em reportagem que não escreveu até hoje. Efeitos da *grappa*, degustada minutos antes no Empório Colonial.

O espaço é pequeno para falar das nove edições. Preciso explicar o título, antes que o tempo acabe. Várias pessoas se revezaram na equipe de elaboração do JF, até formar-se o quarteto etílico da página dois - "Conexão Dom Gambrino" seria um bom nome para esta crônica. Quanto ao sic, não se empolguem, de trocadilhistas infames o inferno está cheio. O JF também está cheio de erros de digitação, que justificam o latinismo em *Caps Lock*, como querem os micreiros. Mas não é só por isso, consultem o Aurélio e lerão "o texto original é bem assim, por errado ou estranho que pareça". Não sei se funcionou, só pretendi dizer que no JF não se criam meias palavras ou opiniões indefinidas. O Jornal da FAED sempre publicou - e continuará publicando - o que pensa. Eis a razão de sua credibilidade.

POLIEDRO DE IDÉIAS

Diogo Mainardi surpreende a cada livro. Antes da página 20 de *Polígono das Secas*, publicado em 1995 pela *Companhia das Letras*, o senador Pompeu sofre um acidente de trânsito e cai à beira da estrada, com uma perna ferida. Então surge na caatinga um homem vestido de preto, depois chamado de *o untor*, que passa nos ferimentos um unguento amarelado, "cujo efeito imediato é atenuar a dor e estancar a hemorragia". O leitor crédulo pensará no bom samaritano, se teve a educação obscurecida pelo catecismo tradicional (como eu, não nego - mas não rengo). Agora, vejam a receita do unguento: "esterco humano diluído na barrela e saliva infectada que escorre da boca dos cadáveres pestilentos, tudo fervido num caldeirão". Em seguida, muitas pessoas morrem, lambuzadas pelo untor.

É uma boa dose de escatologia, para quem tem ainda o livro todo pela frente. Entretanto, não se trata de realismo fantástico ou terror despudorado: *Polígono das Secas* é uma crítica ferina à literatura regionalista. Um a um, besuntados pelo unguento venenoso, caem os cânones da cultura nordestina: o retirante, o cangaceiro e até o jerico. Caem simplesmente, sem destino, fortaleza ou honra, fetiches do

romance regional. Mainardi admite assemelhar-se ao untor, desmistificando, cruelmente, o sertanejo do romance brasileiro. E acrescenta que a literatura sertaneja se resume a seis ou sete títulos, numa das várias intervenções que faz ao longo do livro.

Talvez seja este o único defeito da obra: as referências bibliográficas e interpretações pessoais perpassam a mera sugestão e se revelam em primeira pessoa. Defeito pode não ser o termo certo, mas *Polígono das Secas* tem essa peculiaridade. O leitor acostumado à narrativa linear pode não gostar da fragmentação do enredo; o crítico severo acusará de maneirista a ruptura com a ficção convencional. De qualquer forma, sobejam personalidade e estilo em todos os parágrafos.

Mainardi sempre defendeu que o escritor, o verdadeiro, que faz da literatura sua redenção, não tem compromisso nem com o leitor. Coerente, não espera adesão às suas convicções, nem se proclama dono da verdade. Mas para quem ainda acredita na *função social da arte* e na insignificância produzida em nome da autenticidade cultural (branca ou negra), é bom conferir *Polígono das Secas*, sem compromisso.

J.C.

ANA E (OU) ANITA

Beppe (ou Giuseppe), integrante de uma organização não governamental italiana, vem ao Brasil para filmar um documentário sobre a pesca predatória de peixes e golfinhos, na região de Laguna. Numa reunião entre a equipe de filmagem e os pescadores, conhece Ana (ou Anita), líder comunitária. Beppe e Ana se apaixonam e iniciam um romance.

Para o público mais conservador pode parecer estranho contextualizar Giuseppe Garibaldi, mercenário italiano que lutou na Guerra dos Farrapos, como um ecologista dos anos noventa. Mas é basicamente essa a proposta de *Anita e Giuseppe - duas histórias*, título provisório do curta-metragem que marca a estreia de Carlos Eduardo Valente na direção, cujas filmagens se iniciam este mês.

Carlos Eduardo não pretende realizar um filme histórico, como o recente *Desterro*, de Eduardo Paredes. Sua principal intenção é desvendar quem seriam Anita e Giuseppe nos dias de hoje, explorando sua personalidade. Luigi, personagem ítalo-brasileira que está em Laguna escrevendo um roteiro sobre Anita Garibaldi, faz a relação entre o casal imaginário e o real.

O projeto de *Anita e Giuseppe* ganhou o Projeto *Cultura Viva* de

1995, na categoria de curta-metragem. O governo do Estado patrocinará a filmagem com trinta mil reais, insuficientes para financiar uma obra orçada em duzentos mil. O diretor está contando com a participação da iniciativa privada, mas reconhece a dificuldade de se conseguir apoio econômico, apesar de a Lei Rouanet permitir o abatimento no imposto de renda de 70% da quantia gasta com projetos culturais. Segundo Carlos Eduardo, o Governo sempre é criticado por não incentivar a cultura, mas está sendo o principal colaborador.

Além da direção, Carlos Eduardo Valente assina também o roteiro adaptado e os diálogos. A equipe técnica conta com o argentino Luis Cámara, diretor de fotografia, formado pela Escola de Cinema de Cuba. Nos papéis principais estão Carla Rodrigues, atriz joinvillense, e Mauro Beal, presidente do Circulo Ítalo-Brasileiro de Florianópolis.

J.C.

Anita e Giuseppe - duas histórias. Direção, roteiro adaptado e diálogos: Carlos Eduardo Valente. Roteiro original: Beatriz de Souza Arruda. Produção executiva: Erika Fischer. Direção de Produção: Maximiliano Verzola. Direção de Fotografia: Luis Cámara. Direção de Arte: Dominique Fretin. Assistente de Direção: Carlos Faval. Elenco: Carla Rodrigues (Ana) e Mauro Beal (Beppe).